



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

MARÍLIA DIAS DE OLIVEIRA

**PROTAGONISMO FEMININO NO CULTIVO DAS PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO
CONVENCIONAIS COMO ALTERNATIVA NA SEGURANÇA ALIMENTAR**

**CAMPINA GRANDE, PB
2025**

MARÍLIA DIAS DE OLIVEIRA

**PROTAGONISMO FEMININO NO CULTIVO DAS PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO
CONVENCIONAIS COMO ALTERNATIVA NA SEGURANÇA ALIMENTAR**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à
Coordenação/Departamento do curso de
graduação em Ciências Biológicas da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Bacharel em Ciências Biológicas.

Área de concentração: Etnobiologia

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Adelino da Silva Dias

**CAMPINA GRANDE, PB
2025**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48p Oliveira, Marília Dias de.
Protagonismo feminino no cultivo das plantas alimentícias não convencionais como alternativa na segurança alimentar [manuscrito] / Marília Dias de Oliveira. - 2025.
53 f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências biológicas) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2025.

"Orientação : Prof. Dra. Marcia Adelino da Silva Dias, Departamento de Biologia - CCBS".

1. PANC. 2. Protagonismo Feminino. 3. Segurança Alimentar e Nutricional. 4. Agricultura Familiar. I. Título

21. ed. CDD 570

MARILIA DIAS DE OLIVEIRA

PROTAGONISMO FEMININO NO CULTIVO DAS PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO
CONVENCIONAIS COMO ALTERNATIVA NA SEGURANÇA ALIMENTAR

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso
de Ciências Biológicas da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de
Bacharela em Ciências Biológicas

Aprovada em: 11/06/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado eletronicamente por:

- **Sergio de Faria Lopes** (***.954.176-**), em **27/06/2025 13:41:18** com chave **8cc89c44537511f0aa511a1c3150b54b**.
- **Viviane Sousa Rocha** (***.378.114-**), em **27/06/2025 14:12:05** com chave **d9486aaa537911f0b3201a1c3150b54b**.
- **Marcia Adelino da Silva Dias** (***.305.884-**), em **27/06/2025 13:39:38** com chave **50ec8b22537511f08c2c06adb0a3afce**.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QrCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Folha de Aprovação do Projeto Final

Data da Emissão: 28/06/2025

Código de Autenticação: ab0503



Aos meus pais, pela dedicação,
companheirismo e amizade, DEDICO

AGRADECIMENTOS

A realização deste Trabalho de Conclusão de Curso foi possível graças à contribuição e ao apoio de muitas pessoas, às quais expresso aqui minha profunda gratidão.

Agradeço primeiramente a Deus, por me conceder força, saúde e perseverança ao longo desta caminhada acadêmica.

À minha família, principalmente a minha mãe e meu pai, pelo amor incondicional, apoio constante e incentivo nos momentos de dúvida e cansaço. Cada conquista minha é também de vocês.

À minha orientadora de TCC, Prof^a Dra. Márcia Adelino da Silva Dias, por sua escuta atenta, pelas valiosas orientações e pelo incentivo constante à construção de um olhar sensível e crítico sobre a realidade pesquisada. Sua dedicação, paciência e compromisso com a formação humana e acadêmica foram essenciais para que este trabalho se concretizasse.

Ao meu orientador de estágio, Prof. Dr. Sérgio de Faria Lopes, pela orientação comprometida, pelos ensinamentos compartilhados e pelo apoio durante essa etapa tão importante da minha formação. Sua contribuição foi fundamental para meu crescimento profissional.

Às mulheres floristas do Sítio Macacos, em Areia – PB, que gentilmente abriram suas casas, suas histórias e seus saberes. Este trabalho é também um reflexo da força, da resistência e da sabedoria de vocês. Meu sincero agradecimento pela acolhida e confiança.

Aos professores e professoras do curso de Ciências Biológicas, por cada ensinamento compartilhado, pelos desafios propostos e por contribuírem com minha formação crítica e ética.

Aos colegas e amigos da turma 2020.2, principalmente, Maria Clara, Kayke e Larissa, pelo companheirismo, pelas trocas e pelo apoio mútuo ao longo desta jornada.

À Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), por me proporcionar uma formação sólida, crítica e comprometida com a transformação social.

E a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho: o meu muito obrigada!

“Eu sou mansa, mas a minha função de viver é feroz.”

- Clarice Lispector

RESUMO

Este trabalho investigou como o cultivo de Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) por mulheres do Sítio Macacos, em Areia – PB, contribui para a Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) e o fortalecimento do protagonismo feminino no campo. O estudo teve como objetivos analisar a importância das PANC na alimentação local, compreender o papel das agricultoras na promoção da SAN e discutir os desafios e potencialidades do cultivo como forma de autonomia. A pesquisa é qualitativa, com abordagem etnográfica, e foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com cinco mulheres vinculadas à associação ADESMAF e ao Arranjo Produtivo Local (APL) da floricultura do brejo paraibano. Os dados foram analisados com base na Análise Temática, considerando os contextos sociais, econômicos e culturais das participantes. Os resultados revelaram que as mulheres cultivam diversas PANC, como Ora-Pro-Nóbis, Beldroega e Clitória, usando-as na alimentação, em chás, geleias e kits gastronômicos vendidos em feiras e restaurantes. Além do uso doméstico, as PANC representam fonte de renda e fortalecem a autonomia feminina. As participantes também acessam capacitações oferecidas por instituições como UEPB, UFPB e SEBRAE, articulando saberes tradicionais e científicos. Entre os desafios, destacam-se a falta de sementes, transporte adequado e o desconhecimento do público sobre essas plantas. Em síntese, o cultivo de PANC pelas mulheres do Sítio Macacos promove segurança alimentar, renda e valorização dos saberes locais, fortalecendo o papel feminino na agricultura familiar. A experiência das participantes evidencia como as PANC podem ser aliadas na construção de um modelo de desenvolvimento mais justo, sustentável e inclusivo.

Palavras-Chave: PANC; Protagonismo Feminino; Segurança Alimentar e Nutricional; Agricultura Familiar.

ABSTRACT

This study investigated how the cultivation of Unconventional Food Plants (UFP) by women from Sítio Macacos, in Areia – PB, contributes to Food and Nutritional Security (FNS) and to strengthening female protagonism in rural areas. The aim was to analyze the importance of UFPs in local diets, understand the role of women farmers in promoting FNS, and discuss the challenges and potential of cultivation as a path to autonomy. This is a qualitative, ethnographic study, carried out through semi-structured interviews with five women linked to the ADESMAF association and the Local Productive Arrangement (APL) of floriculture in the Paraíba Brejo region. The data were analyzed using Thematic Analysis, considering the participants' social, economic, and cultural contexts. Results revealed that the women grow various UFPs, such as Ora-Pro-Nóbis, Beldroega, and butterfly pea flower (*Clitoria*), using them in food, teas, jams, and gastronomic kits sold at fairs and restaurants. In addition to home consumption, UFPs are a source of income and contribute to women's autonomy. The participants also access training offered by institutions such as UEPB, UFPB, and SEBRAE, combining traditional and scientific knowledge. Challenges include limited access to seeds, lack of appropriate transportation, and low public awareness of these plants. In summary, the cultivation of UFPs by the women of Sítio Macacos promotes food security, income generation, and the valorization of local knowledge, reinforcing the female role in family farming. Their experience highlights how UFPs can contribute to building a fairer, more sustainable, and inclusive development model.

Keywords: UFP; Female Protagonism; Food and Nutrition Security; Family Farming.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Localização do município de Areia e a respectiva zona rural Sítio Macacos, Paraíba, Brasil.....	24
Figura 2 –	Kit de flores comestíveis comercializados pela P4.....	33
Figura 3 –	Produção de flores comestíveis resultantes das capacitações.....	35
Figura 4 –	Geleias produzidas a partir de PANC.....	37
Figura 5 –	Bolo de Ora-pro-nóbis e Geleia de Bougainville.....	38

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Tabela 1 – Perfil socioeconômico e demográfico de mulheres agricultoras do Sítio Macacos/Areia-PB.....	29
Tabela 2 – Espécies vegetais citadas pelas floristas.....	31
Quadro 1 – Percepções das mulheres sobre seu papel na agricultura.....	40

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APL	Arranjo Produtivo Local
ADESMAF	Associação para o Desenvolvimento Sustentável de Macacos e Furnas
CONSEA	Conselho Nacional de Segurança Alimentar
CEP	Comitê de Ética
IFPB	Instituto Federal da Paraíba
ODS	Objetivos do Desenvolvimento Sustentável
PANC	Plantas Alimentícias Não Convencionais
PNSAN	Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional
SISAN	Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
UFPB	Universidade Federal da Paraíba

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 OBJETIVOS.....	14
2.1 Objetivo geral.....	14
2.2 Objetivos específicos.....	14
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
3.1 A AGRICULTURA FAMILIAR E O PROTAGONISMO DAS MULHERES NO CAMPO.....	15
3.2 PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS (PANC).....	16
3.3 SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL (SAN).....	18
3.4 SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL (SAN): PERSPECTIVAS A PARTIR DO USO DAS PANC.....	20
4 METODOLOGIA.....	23
4.1 Tipo de Pesquisa.....	23
4.2 Área de Estudo.....	23
4.3 Participantes da pesquisa.....	25
4.4 Critérios de Inclusão e Exclusão das participantes da pesquisa.....	26
4.4.1 Critérios de Inclusão:.....	26
4.4.2 Critérios de exclusão:.....	26
4.5 Instrumento de Coleta de Dados.....	27
4.6 Procedimento de Coleta de Dados.....	27
4.7 Processamento e Análise dos Dados.....	27
4.8 Aspectos Éticos	28
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	29
5.1 Parte I – Dados socioeconômicos e demográficos.....	29
5.2 Parte II – Saberes e práticas sobre as PANC.....	30
5.2.1 Levantamento das PANC identificadas nas falas das participantes.....	30
5.2.2 Saberes tradicionais e construção do conhecimento.....	34
5.2.3 As PANC na alimentação e comercialização.....	36
5.2.4 O papel das mulheres na agricultura.....	40
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
7 REFERÊNCIAS.....	44

1 INTRODUÇÃO

Sou Marília Dias de Oliveira, graduanda em Ciências Biológicas (bacharelado), na Universidade Estadual da Paraíba (Campus I), desde os meus primeiros anos na graduação desenvolvi um interesse por temas ligados à sustentabilidade, valorização dos saberes tradicionais e da biodiversidade. O que me levou a conhecer e me integrar no Grupo de Estudos da Complexidade e da Vida (GRECOMVIDA), do qual faço parte desde 2023.

Tem como principal objetivo incentivar reflexões fundamentadas no pensamento de Edgar Morin, ressaltando a importância de uma abordagem transdisciplinar que integra diferentes áreas do conhecimento, onde os estudiosos desse grupo procuram reconhecer a riqueza dos saberes e as conexões entre os diversos campos do conhecimento, tendo em vista os aspectos sociais, econômicos e até políticos, com temáticas abordadas de forma ampla, abrangente e adaptável à realidade.

Dentro desse contexto, tive a oportunidade de participar de debates, workshops, projetos e congressos que fortaleceram meu interesse e direcionaram meu olhar para as necessidades dos trabalhadores rurais, especialmente o protagonismo feminino no contexto rural.

O envolvimento com o grupo de estudos também proporcionou um olhar mais atento para a realidade das pequenas empresas localizadas na zona rural da cidade de Areia, Paraíba, região conhecida por sua riqueza cultural e biodiversidade. Sendo esse um cenário propício para a investigação de saberes tradicionais sobre as Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC), considerando sua relevância para a sustentabilidade, alimentação e o fortalecimento das pequenas empresas e identidades locais, uma vez que, são cultivadas e comercializadas no Sítio Macacos - Areia.

Desse modo, a partir dos dados obtidos nessa pesquisa, essas informações podem auxiliar no desenvolvimento econômico local das pequenas empresas localizadas no sítio, uma vez que, contribui para o conhecimento acerca das PANC que são produzidas em seus devidos empreendimentos, fortalecendo cada vez mais o agronegócio.

A pesquisa também se enquadra aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), principalmente quando se trata da erradicação da fome (ODS 2) através das PANC como uma das alternativas primordiais para a soberania alimentar e Segurança Alimentar e Nutricional (SAN), como também na busca por igualdade de gênero (ODS 5), visto que, no Sítio Macacos encontramos mulheres agricultoras/floristas que lutam pelo seu reconhecimento no mercado de trabalho local. Outrossim, com a presente pesquisa, buscamos o desenvolvimento local das pequenas empresas a partir da comercialização das PANC (ODS 8 e 9), isso, de modo sustentável e responsável (ODS 11 e 12).

A escolha pelo tema desta pesquisa surge da vivência acadêmica e pessoal ao longo da graduação em Ciências Biológicas, especialmente a partir da participação no Grupo de Estudos da Complexidade e da Vida (GRECOMVIDA) e do projeto de extensão intitulado: MULHERES NA AGRICULTURA: ressignificando o lugar da mulher trabalhadora rural do Sítio Macacos – Areia/PB, que despertou um olhar mais sensível para questões ligadas à sustentabilidade, agronegócio, biodiversidade local e o protagonismo feminino.

Nesse sentido, o município de Areia, na Paraíba, por sua rica diversidade biológica e cultural, tornou-se um campo “fértil” para investigar práticas tradicionais ligadas à produção e o uso de Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC).

A atuação das mulheres agricultoras do Sítio Macacos, que produzem e comercializam essas plantas, reforça a importância de reconhecer e valorizar os saberes locais como forma de promover Segurança Alimentar e Nutricional (SAN), geração de renda e o fortalecimento das pequenas empresas.

Desse modo, a presente pesquisa justifica-se pelo seu valor acadêmico, econômico e social, assim como também, está alinhada com os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) ao contribuir para o desenvolvimento sustentável da região e a valorização das identidades locais, principalmente das mulheres floristas.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

- Estudar as práticas agroecológicas e os saberes tradicionais, com ênfase nas contribuições das mulheres agricultoras, associados ao cultivo e uso das PANC, analisando seu papel na promoção da biodiversidade local, na resiliência dos sistemas alimentares e no fortalecimento da autonomia feminina, em alinhamento com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 5 e 15.

2.2 Objetivos específicos

- Analisar as contribuições das PANC na alimentação das famílias e da comunidade local, considerando a sua importância para a promoção da Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) e o incentivo à agricultura sustentável, no contexto do Objetivo do Desenvolvimento Sustentável 2;
- Investigar o papel das mulheres agricultoras como agentes da promoção da Segurança Alimentar e Nutricional (SAN), ressaltando sua atuação como protagonistas do desenvolvimento rural sustentável, de acordo com o Objetivo do Desenvolvimento Sustentável 5;
- Discutir os desafios e potencialidades do cultivo de PANC como estratégia de autonomia e valorização da mulher no campo, alinhando-se ao Objetivo de do Desenvolvimento Sustentável 8, incentivando o empreendedorismo local e práticas agroecológicas inclusivas;
- Explorar as formas pelas quais o uso das PANC se integra aos padrões de consumo e às práticas alimentares das famílias e da comunidade local, explorando suas contribuições para a sustentabilidade.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 A AGRICULTURA FAMILIAR E O PROTAGONISMO DAS MULHERES NO CAMPO

Ao longo da história, as mulheres sempre estiveram presentes ativamente nas atividades agrícolas, as mesmas contribuem de modo significativo para o sustento da família e da economia local. Entretanto, por muito tempo, essas mulheres são omitidas das suas próprias histórias. Logo, Ester Boserup (1970), a partir dessa visão, foi pioneira quando se trata em destacar a importância dessas mulheres na economia relacionada ao desenvolvimento agrícola e nos desafios que essas mulheres enfrentam pelo reconhecimento da sua contribuição produtiva.

Embora as mulheres trabalhem ativamente no conjunto de atividades advindas da agricultura familiar, sejam eles: preparo do solo, plantio, colheita, criação de animais, entre outras atividades, as mesmas ainda são reconhecidas com status inferior, devido às suas atividades consideradas extensão do seu papel de esposa e mãe (Siliprandi, 2015).

À vista disso, entende-se que as divisões de gênero estão diretamente relacionadas às representações construídas socialmente, compartilhadas e socializadas, que, por sua vez, favorecem a dominação masculina que se impõe nas relações de gênero. Desse modo, no contexto rural, a figura masculina é tida como atuante, quando se trata do trabalho pesado. Por outro lado, a mulher realiza os trabalhos domésticos e apenas colabora no trabalho rural do cônjuge, sendo o homem mais valorizado que a mulher (Paulilo, 1982; Schenato; Lima; Frago, 2019).

No Brasil, os passos para a plena igualdade de gênero (ODS 5) ainda são lentos, tornando importante a discussão sobre a temática para a desmistificação de ideias culturais enraizadas, relacionadas a inserção do papel da mulher no mercado de trabalho (Candido; Canguçu, 2021).

Tavares, Minuzzo e Santos (2021) observaram que o protagonismo feminino muitas vezes é construído a partir da coletividade, as mesmas formam uma rede de apoio, contribuindo para a superação da desigualdade de gênero no campo, como também para a economia, autoestima e reconhecimento social.

Segundo Lestari e Yuwana (2023), o empoderamento feminino também pode estar ligado a melhoria da segurança alimentar das famílias, visto que, mulheres que trabalham no campo com acesso a informação, tecnologias e redes de apoio, tornam-se protagonistas nas tomadas de decisões relacionadas à produção, manejo na comercialização dos alimentos.

Kinupp e Lorenzi (2014), evidenciam que o protagonismo feminino está ligado de forma inerente a preservação dos saberes tradicionais, principalmente no uso e manejo das PANC. Os autores complementam destacando que as mulheres agricultoras, ao conciliarem o trabalho produtivo com o cuidado com o ambiente doméstico e comunitário, tornam-se guardiãs de espécies vegetais frequentemente ignoradas pelas cadeias produtivas convencionais, mas fundamentais para a diversidade alimentar e segurança nutricional.

Portanto, quando observamos as mulheres do Sítio Macacos, especialmente quando estão organizadas em torno de atividades como na produção de flores, plantas ornamentais, hortaliças orgânicas e PANC, entendemos que as mesmas estão juntas para a promoção da Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) local, além de promover o protagonismo feminino. Além disso, a relação dessas mulheres com as plantas está muito além do aspecto técnico, pois faz parte do aspecto cultural, afetivo e simbólico, ou seja, conhecimento transmitido por gerações, isso, por meio de conversas e da vivência cotidiana, informações fundamentais para o fortalecimento da identidade rural e para a valorização dos saberes locais (Santos; Bianchini, 2021).

3.2 PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS (PANC)

A partir do crescimento populacional contínuo nota-se uma mudança na alimentação da população, onde destaca-se uma alimentação considerada monótona e desvinculada do território e cultura local. Segundo Balem e Silveira (2005), apesar de gozarmos de uma agricultura tecnificada e eficiente, a mesma não está atendendo as necessidades básicas, onde deve-se garantir alimento na mesa de cada cidadão. Além disso, os mesmos autores citam a chamada “erosão cultural alimentar”, isso, advinda da industrialização e avanço de tecnologias agrícolas, o que causa mudanças nas práticas e hábitos alimentares.

Em outra análise, Costa (2012) evidencia o aumento da demanda populacional pela busca de alimentos saudáveis e sustentáveis, de modo que, o desenvolvimento de hábitos saudáveis para alcançar qualidade de vida direciona os indivíduos a evitarem alimentos industrializados, explorando novas formas de alimentação que oferecem compostos essenciais para o sistema corporal, como proteínas, fibras, minerais, vitaminas, gorduras de boa qualidade e carboidratos.

Nesse sentido, as Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) se enquadram a essas características, sendo uma alternativa viável ao atual cenário, pois apresenta um grande potencial alimentar, contribuindo principalmente no consumo de elementos com alto valor nutritivo, além de compostos antioxidantes, ferro, vitaminas e aminoácidos, sendo compostos que diminuem os riscos de possíveis doenças, além disso, são plantas de fácil acesso, facilitando a alimentação cotidiana saudável (Kinupp; Lorenzi, 2014).

De acordo com Durigon et al (2023), no Brasil há diversas construções e abordagens teóricas relacionadas aos alimentos da sociobiodiversidade, estendendo-se de obras clássicas que tratam das “Plantas alimentares e de gozo” (Peckolt, 1871), das “Plantas úteis” (Corrêa, 1984), observando-se que nas últimas décadas houve uma grande diferenciação de termos e expressões relacionados as PANC. Outrossim, a autora destaca as atribuições atuais as PANC, como “Plantas para o futuro” (Coradin et al., 2011), “Hortaliças tradicionais” (Madeira et al., 2013), “Alimentos regionais” (Brasil, 2015), “Matos de comer” (Ranieri, 2021), finalizando com “Alimentos ou produtos da sociobiodiversidade” (Brasil, 2019; Brasil, 2021).

O termo Plantas Alimentícias Não Convencionais foi desenvolvido em 2007 pelo Biólogo e Professor Valdely Ferreira Kinupp em sua tese de doutorado (Kinupp, 2007), seguido do seu Acrônimo PANC, criado por Irany Arteché no ano de 2008 (Kinupp; Lorenzi, 2014; Durigon; Madeira; Kinupp, 2023). Desse modo, Ranieri (2017) atribui o acrônimo PANC a “todas as plantas que poderíamos consumir e não consumimos”.

As PANC são plantas demasiadamente desconhecidas pela população e, não estão incluídas na alimentação cotidiana, sendo confundidas e denominadas muitas vezes como “daninhas” ou “inços”, visto que, se desenvolvem entre plantas cultivadas e estão em desuso pela maior parte da população, porém, são espécies com grande potencial ecológico e econômico. De modo geral, as plantas alimentícias são aquelas que possuem uma ou mais partes comestíveis, como:

raízes, tubérculos, bulbos, rizomas, cormos, talos, folhas, brotos, flores, frutos e sementes, até mesmo o látex, resina e goma podem ser utilizados para obtenção de óleos e gorduras comestíveis (Kinupp; Barros, 2007).

De acordo com Kinupp e Lorenzi (2014), há uma estimativa de que existam cerca de 30.000 espécies de plantas que apresentam um potencial alimentício, onde acredita-se que apenas 7.000 foram utilizadas ao longo da história humana. Sendo de grande importância, a promoção do conhecimento dessas plantas.

No nordeste brasileiro, especificamente no Brejo Paraibano, as PANC são cultivadas nas floriculturas do chamado Arranjo Produtivo Local (APL) da Floricultura. Segundo Araújo e Nascimento (2024), as principais PANC cultivadas no Brejo Paraibano são: Begônia (*Begonia aconitifolia*), Beijo turco (*Impatiens walleriana*), Beldroega (*Portulaca oleracea* L.), Bouganville (*Bougainvillea spectabilis* Willd.), Capuchinha (*Tropaeolum majus* L.), Celósia (*Celosia argentea* L.), Cravina (*Dianthus chinensis* L.), Clitória (*Clitoria ternatea* L.), Hibisco (*Hibiscus rosa-sinensis* L.), Lanterna Chinesa (*Callianthe striata*), Torênia (*Torenia fournieri* Linden), Tumbérgia (*Thunbergia grandiflora* Roxb.) e Vinagreira (*Hibiscus acetosella* Welw.).

As PANC apresentam características que contribuem diretamente as ODS 11 e 12, visto que destacam-se no processo da produção e consumo sustentável, por serem espécies nativas ou naturalizadas, adaptadas ao clima e solo local, reduzindo a necessidade de insumos químicos e irrigação intensiva (Viana-Neto et al., 2023).

Em síntese, contribuem ativamente no ODS 2, uma vez que, são alimentos nutritivos, acessíveis e adaptados aos ecossistemas locais (Silva et al., 2023).

3.3 SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL (SAN)

Na Constituição Federal de 1988 torna-se evidente o Direito Humano à promoção de uma alimentação adequada, como também é assegurada em diversos tratados internacionais de Direitos Humanos Econômicos, Sociais e Culturais (Valente, 2016). Desse modo, Burity et al (2010) destaca que historicamente, durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) o termo “Segurança alimentar” passou a ser usual na Europa, sendo um termo pontual em relação a cada país produzir seu próprio alimento, diminuindo a vulnerabilidade a possíveis restrições ou repressões por razões políticas e militares da época. A autora dá seguimento com a

Segunda Guerra Mundial (1939-1945) onde o conceito de segurança alimentar começa a ganhar visibilidade a partir da constituição da Organização das Nações Unidas (ONU), que viabilizou o surgimento de diversos órgãos que destacavam a necessidade de acesso a alimentos de qualidade (FAO, entre outros), outrossim, neste mesmo cenário, a insegurança alimentar tratava-se da produção e distribuição insuficiente de alimento em países pobres.

Ao longo dos anos observamos que o conceito de segurança alimentar e nutricional sofreu modificações devido a alta demanda por alimentos e até as mudanças das práticas alimentares. Assim, Valente (1997) de modo atemporal, chama atenção para as práticas agropecuárias, baseadas na utilização de agrotóxicos, associados às mudanças nos hábitos alimentares urbanos, que por sua vez, agravam a saúde humana aumentando a incidência de doenças (obesidade, diabetes, câncer, entre outros). A partir desse entendimento, o conceito de Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) que inicialmente estava ligado apenas a disponibilidade de alimentos para a sociedade, passa a estar relacionado ao acesso seguro aos alimentos (não contaminados biologicamente e quimicamente), de qualidade (nutricional, biológica, sanitária e tecnológica), agregando o aspecto sanitário e nutricional ao conceito (Burity et al., 2010).

De modo geral, são características ideais da Segurança Alimentar a sua simplicidade e abrangência, a mesma deve ser definida de modo simples para que seja facilmente compreendida pela população e de forma abrangente para que possa atender as demandas da determinada região (Alencar, 2001). Para isso, a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO), a partir da definição de Segurança Alimentar, desenvolveu as quatro dimensões que asseguram a SAN, são elas: disponibilidade de alimentos, acesso aos alimentos, consumo de alimentos e a utilização biológica de nutrientes, essas quatro dimensões surgem para auxiliar os governos na construção de planos de ação para a promoção da SAN, desse modo, esses indicadores são adotados nessas regiões de acordo com cada realidade enfrentada, seja em países desenvolvidos, em desenvolvimento ou em extrema pobreza, outrossim, para que esses objetivos sejam alcançados, as quatro dimensões devem ser regidas simultaneamente (FAO, 2008; Panelli-Martins et al, 2008).

No Brasil, foi introduzido em 2006 o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (SISAN) e os seus componentes, como o Conselho Nacional

de Segurança Alimentar (CONSEA), isso, para a implementação de políticas públicas que visassem o direito humano à alimentação apropriada para os cidadãos e atender as demandas do combate à desnutrição e obesidade no Brasil. Ao longo do tempo, as políticas de segurança alimentar e nutricional do Brasil passaram por diversas instabilidades devido às crises econômicas internas e, principalmente, com a volatilidade governamental (Vasconcelos et al., 2019; Neves et al., 2021; Machado et al., 2024).

Em outro estudo, foi revelado que a população brasileira se alimenta de forma inadequada, ou seja, há uma redução na participação de alimentos in natura ou minimamente processados, destacando a preferência por alimentos ricos em gordura saturada e até ultraprocessados. Tendo em vista a pandemia do COVID-19, houve uma violação significativa dos padrões alimentares, onde a população apresentou sinais de desnutrição ou obesidade, evidenciando a insegurança alimentar no país (Souza et al., 2024).

À vista disso, quando tratamos na inserção da SAN no contexto rural, remetemos também a questão do ODS 2, que trata da erradicação da fome através de uma agricultura sustentável. Dessa forma, cabe ao estado a promoção de medidas que se adequem as regiões e atinjam o ODS 2, viabilizando o desenvolvimento rural sustentável, como também o direito de cada trabalhador e trabalhadora rural a uma alimentação adequada e nutritiva (Fontolan et al., 2022).

3.4 SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL (SAN): PERSPECTIVAS A PARTIR DO USO DAS PANC

É evidente que os atuais cenários nacional e internacional estão marcados pela fome e pela crescente insegurança alimentar, ademais, torna-se essencial a promoção de Segurança Alimentar e Nutricional (SAN), priorizando o resgate de práticas alimentares baseadas na biodiversidade local. Dessa forma, Kinupp e Lorenzi (2014) apontam as Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) como principal opção para a promoção da SAN, isso porque as PANC apresentam espécies de alto valor nutritivo, além das mesmas estarem acessíveis nos ecossistemas. Ademais, apesar da grande disponibilidade, as PANC são

negligenciadas devido ao atual sistema agroalimentar, como também a falta de conhecimento, que viabiliza facilmente o consumo de alimentos ultraprocessados.

As PANC são plantas com um potencial pouco explorado e, podem contribuir para a Segurança Alimentar e Nutricional (SAN), além disso, podem auxiliar nos aspectos econômicos, gerando renda e integridade ambiental. Outro ponto a se considerar é que, essas plantas não convencionais possuem alto poder nutritivo, podendo ultrapassar as convencionais, isso porque apresentam fontes de vitaminas e minerais de ingestão diária, essenciais para o desenvolvimento do organismo. O uso das PANC na alimentação contribui não só para a diversificação da dieta, como também para a promoção da soberania alimentar e o fortalecimento dos saberes tradicionais, especialmente em contextos rurais e de agricultura familiar (Liberato et al., 2019; Jacob, 2020;).

Quando se trata da utilização das PANC no cotidiano, geralmente nos remete a promoção da Segurança Alimentar e Nutricional (SAN), isso, porque as mesmas estão acessíveis abundantemente no território brasileiro, desse modo, estão associadas a eficiência no uso dos recursos naturais e na disponibilidade de nutrientes, resultando na manutenção de um meio ambiente mais saudável (Jacob, 2020; Batista et al., 2024).

A Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (PNSAN), constituída pelo decreto 7.272/10 evidencia as diretrizes básicas para que a SAN seja implementada e, diante dos seus eixos de ação, as PANC incorporam a maioria dos seus requisitos, destacando-se mais uma vez como uma opção viável para a promoção da SAN (Batista et al., 2024).

Stroparo e Souza (2022) destacam que o conhecimento sobre as PANC e o incentivo para o seu uso são estratégias que podem auxiliar na diminuição da fome e contribuir para a segurança alimentar mundial. Além disso, no mesmo estudo, evidencia-se a necessidade de indução à produção das PANC como alternativa de renda para as famílias agricultoras.

As PANC têm potencial para compor o cardápio da população, visto que, apresentam grande quantidade de nutrientes, compostos antioxidantes e propriedades medicinais. Ademais, o seu reconhecimento pode promover novas fontes de renda e economia rural, colaborando para minimizar os impactos ambientais e na valorização da biodiversidade local (Silva et al., 2022).

Em um estudo conduzido na cidade de Campina Grande/PB, foi constatado que mesmo com o conhecimento limitado sobre as PANC, a população estudada demonstrou um grande interesse no potencial de expansão do seu cultivo e consumo. Os resultados obtidos nesta pesquisa, demonstram que o uso das PANC contribui para a SAN e também o reaproveitamento de espaços para a produção das PANC, que interliga-se ao ODS 11, como incentivo à cidades e comunidades mais verdes e sustentáveis, e ao ODS 2, por apresentarem as PANC como alimento acessível, saudável e diversificada (Majolo; Lima; Santos, 2020).

Soares-Figueiredo, Duarte e Cardoso (2020) evidenciam em seu estudo a identificação de 51 espécies de PANC utilizadas tradicionalmente em uma comunidade quilombola da Mata Atlântica, a partir disso, as autoras destacam a importância dos saberes tradicionais na manutenção da segurança alimentar e biodiversidade local. Essa valorização reforça o cumprimento dos ODS 2 e 12, pois promove dietas sustentáveis, fortalece as identidades locais e incentiva o uso consciente dos recursos naturais.

4 METODOLOGIA

4.1 Tipo de Pesquisa

A presente pesquisa é de natureza qualitativa, com enfoque exploratório e descritivo. De acordo com Minayo (2001), a abordagem qualitativa permite compreender os fenômenos em sua complexidade, as visões atribuídas pelo sujeito e os contextos socioculturais em que estão inseridos. Nesse sentido, ao adotarmos essa perspectiva, busca-se captar as diversas dimensões que envolve as práticas das mulheres floristas do Sítio Macacos – Areia/PB, especialmente no que se refere à produção das PANC e a sua contribuição para a Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) local.

Além disso, trata-se também de uma pesquisa de cunho etnográfico, visto que, busca compreender a cultura alimentar local, a partir da convivência, observação e diálogo com a comunidade estudada (Geertz, 1989). A partir do estudo etnográfico, podemos ter uma noção das práticas e dimensões que moldam os modos de vida das participantes, que estão inseridas no contexto rural e feminino.

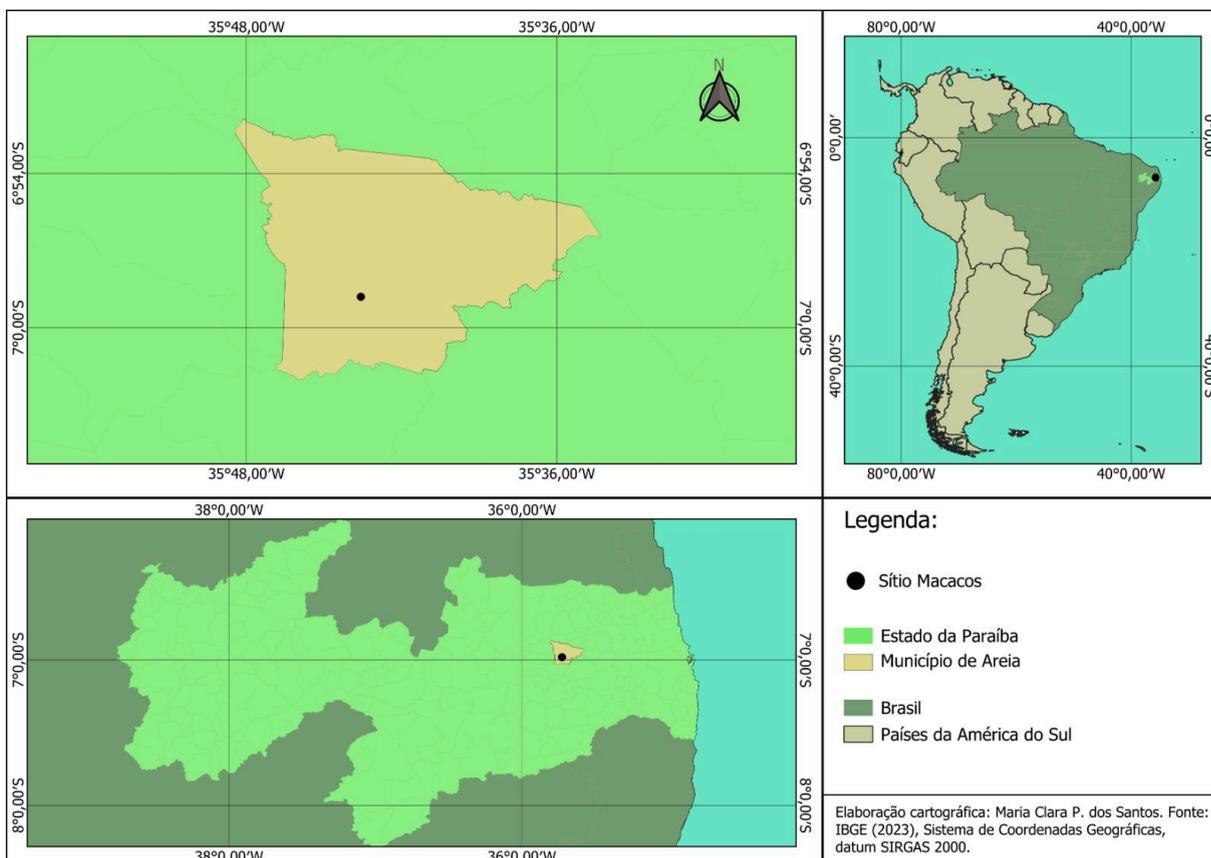
4.2 Área de Estudo

O município de Areia (figura 1) está localizado no Brejo Paraibano (6°51'47" e 7°02'04"S, e 35°34'13" e 35°48'28"W), precisamente na Microrregião do Brejo, no Estado da Paraíba, Nordeste Brasileiro, área de 269,1 Km², apresentando uma população com cerca de 22.633 habitantes, com densidade demográfica de 84,10 hab/km² (IBGE, 2022;2024). No inverno a temperatura média é de 8°C, em dias quentes a temperatura é de 30°C (Moreira, 1988).

De acordo com Moreira (1988), o município de Areia caracteriza-se por ser uma região montanhosa, apresentando áreas de transição entre os biomas Mata Atlântica (mata de brejo) e Caatinga, que possuem uma rica biodiversidade. Primordialmente, o termo brejo foi utilizado para designar as paisagens que

causavam uma “quebra” na monotonia das condições físicas e ecológicas dos sertões secos (Medeiros; Cestaro, 2018).

Figura 1. Localização do município de Areia e a respectiva zona rural Sítio Macacos, Paraíba, Brasil



Fonte: Maria Clara Pereira dos Santos (2025).

Nesse cenário, destaca-se o Sítio Macacos ($6^{\circ}58'47.7''S$ e $35^{\circ}43'35.3''W$), localizado na zona rural do município de Areia/PB (figura 1), que foi o local específico desta pesquisa. Dentre os biomas dominantes da região, essa comunidade está inserida no bioma Mata Atlântica de Brejo e abriga um grupo de mulheres agricultoras e floristas que exercem um papel indispensável para a economia local e na promoção da Segurança Alimentar e Nutricional (SAN).

Os Brejos de Altitudes Nordestinos são considerados encraves da Mata Atlântica, visto que, formam ilhas de floresta úmida na região semi-árida, estando cercada por bosque de caatinga. Além disso, destaca-se por apresentar uma condição climática bastante atípica, ou seja, caracteriza-se pela umidade,

temperatura e vegetação, sendo um bioma pouco conhecido (Andrade-Lima, 1982; Tabarelli; Santos, 2004).

Este bioma pode ser considerado um refúgio ou até uma relíquia vegetacional, devido às suas peculiaridades florísticas, fisionômicas e ecológicas, advindas do contexto em que está inserido (Veloso et al., 1991; Barbosa et al., 2004).

Desse modo, devido a biodiversidade encontrada nesse bioma, essas mulheres atuam na produção e uso das Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC), plantas ornamentais (de corte e de vaso) e hortaliças orgânicas, o que contribui não apenas para o sustento das suas famílias, mas também para a preservação dos saberes tradicionais, para o fortalecimento da agricultura familiar e para a valorização da biodiversidade local.

4.3 Participantes da pesquisa

A população-alvo do estudo foi composta por mulheres trabalhadoras rurais que produzem flores de corte e de vaso, plantas ornamentais, hortaliças orgânicas e PANC. As mesmas cultivam as PANC em seus quintais, floriculturas, roçados e até em áreas próximas às suas residências, além disso, estão inseridas na Associação para o Desenvolvimento de Macacos e Furnas (ADESMAF) e em diversos projetos e programas, entre eles, o Arranjo Produtivo Local (APL) da floricultura do Brejo Paraibano, que está presente na vida das participantes como um forte aliado, pois viabiliza o acesso à informação e oportunidades com as universidades envolvidas (Brandão, 2023).

De acordo com o economista Fabio Erber (2009), o Arranjo Produtivo Local são concentrações geográficas de empresas e instituições que se relacionam em um setor particular. No APL estão incluídos fornecedores especializados, universidades, associações de classe, instituições e programas governamentais, além de outras organizações que fornecem educação, informação, apoio técnico e entretenimento. Outrossim, o APL conta fortemente com o envolvimento dos âmbitos social, econômico e político, trazendo foco em atividades de um segmento específico que apresentam vínculos entre si (Lastres; Cassiolato, 2003).

Portanto, a população de interesse foi às mulheres agricultoras do Sítio Macacos – Areia/PB devido às mesmas estarem inseridas no APL da floricultura do

Brejo Paraibano e ao papel que as mesmas desenvolvem no empreendedorismo local, onde simultaneamente exercem a preservação dos saberes tradicionais, a manutenção da diversidade alimentar, o protagonismo da mulher no campo e promovem a Segurança Alimentar e Nutricional (SAN).

4.4 Critérios de Inclusão e Exclusão das participantes da pesquisa

A seleção das participantes foi com base em critérios de relevância, seja de inclusão e exclusão, conforme postulado por Gil (2010), onde buscamos indivíduos que possuam experiências significativas para a atual pesquisa, seja na produção ou uso de PANC. À vista disso, são eles:

4.4.1 Critérios de Inclusão:

- Mulheres agricultoras e/ou floristas que residem no Sítio Macacos, zona rural de Areia/PB;
- Que produzem e/ou utilizem as PANC no cotidiano;
- Que aceitaram participar da pesquisa ciente de todas as informações, seguidas das respectivas assinaturas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

4.4.2 Critérios de exclusão:

- Indivíduos que, por quaisquer motivos, não puderam ou não desejaram participar.

O número de participantes foi definido a partir da disponibilidade das associadas. Inicialmente, estimou-se a participação de 10 associadas, mas, devido a indisponibilidade de algumas participantes, obtivemos a participação de 5 mulheres agricultoras.

4.5 Instrumento de Coleta de Dados

A principal técnica de coleta de dados foi a entrevista semiestruturada a partir de questionário, que de acordo com Flick (2009), esse modelo de entrevista permitiu captar narrativas e as experiências individuais das participantes, mantendo a flexibilidade necessária para aprofundar a temática. Na entrevista semiestruturada, além das informações socioeconômicas, houve perguntas relacionadas ao papel das mulheres nesse processo de produção que vai até a comercialização, o uso das PANC, e experiências com a comercialização das PANC.

4.6 Procedimento de Coleta de Dados

A coleta de dados ocorreu presencialmente, mediante visita nas casas, a locais de cultivo ou nas pequenas empresas das participantes. Algumas entrevistas foram gravadas por áudio com o consentimento das participantes e, posteriormente, transcritas. Logo, foram registradas com discrição e respeito a privacidade das mulheres envolvidas, onde utilizamos pseudônimos para evitar a exposição das mesmas.

Esse procedimento foi essencial para captar as conversas, onde as mesmas contribuem para a Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) local a partir da produção e uso das PANC. A coleta de dados foi realizada no mês de Junho de 2025.

4.7 Processamento e Análise dos Dados

Os dados obtidos por meio das entrevistas semiestruturadas foram analisados qualitativamente com base na Análise Temática, conforme proposta por Braun e Clarke (2006), por se tratar de uma abordagem viável e apropriada para explorar significados, padrões e sentidos atribuídos pelas participantes em seus discursos sobre a produção, uso das PANC e as suas vivências na comercialização.

A análise ocorreu em seis etapas principais: (1) familiarização com os dados, por meio da leitura e releitura dos conteúdos transcritos; (2) geração de códigos (trechos importantes) iniciais de forma sistemática; (3) busca por temas recorrentes; (4) revisão e refinamento dos temas (para garantir a coerência); (5) definição e

nomeação dos temas; e (6) redação do relatório analítico, conectando os dados aos objetivos da pesquisa e à literatura científica relacionada à temática.

Além disso, foram utilizados princípios da análise de conteúdo, conforme Bardin (2011), para auxiliar na organização e categorização do material discursivo, onde garantimos a precisão na interpretação dos dados e coerência com os objetivos propostos pela presente pesquisa. Essa combinação metodológica proporcionou uma leitura crítica das falas das participantes, respeitando os contextos sociais, culturais e econômicos nas quais estão inseridas. Dessa forma, todas as etapas foram conduzidas manualmente, com a criação de tabelas e anotações, garantindo clareza e organização dos dados obtidos em todas as etapas.

Na apresentação dos resultados, para preservar a identidade das entrevistadas e garantir a ética na pesquisa, foram utilizados pseudônimos. Cada participante foi identificada com a letra “P”, seguida por um número sequencial (P1, P2, P3, P4 e P5), onde “P” significa participante e os números indicam a ordem em que as entrevistas foram realizadas e analisadas. Da mesma forma, as questões do roteiro da entrevista semiestruturada foram codificadas com a letra “Q”, seguida de um número (Q1, Q2, Q3...), em que “Q” representa “Questão”, facilitando a organização e apresentação dos dados obtidos nas falas das participantes.

4.8 Aspectos Éticos

A pesquisa obedeceu aos princípios éticos estabelecidos pelas Resoluções nº 466/12 e nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, respeitando a dignidade, liberdade e autonomia das participantes. O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, via Plataforma Brasil. A participação foi voluntária, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). As identidades foram preservadas, garantindo o anonimato das participantes e o sigilo das informações.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do percurso metodológico e das entrevistas semiestruturadas realizadas com cinco integrantes da associação ADESMAF do Sítio macacos, obtivemos os resultados da presente pesquisa que, foram divididos em duas partes: parte I – perfil sociodemográfico e socioeconômico; parte II – saberes e práticas sobre as PANC, ambas partes possuem subdivisões para o detalhamento da análise.

Os dados obtidos foram analisados de acordo com a análise temática de Braun e Clarke (2006), com a ajuda da análise de conteúdo (Bardin, 2011), onde foram respeitados os contextos em que as trabalhadoras rurais estão inseridas.

Além disso, a interpretação dos dados considerou as contribuições das PANC para o alcance dos ODS, com destaque o ODS 2 ao evidenciar o papel das PANC na Segurança Alimentar e Nutricional (SAN); o ODS 11 ao valorizar práticas sustentáveis no contexto rural e fortalecer os vínculos entre as comunidades rurais e território, a partir dos saberes tradicionais e o ODS 12, ao promover o aproveitamento dos alimentos, a valorização da biodiversidade local e o fortalecimento da cadeia produtiva, que oferece produtos orgânicos e de base sustentável.

5.1 Parte I – Dados socioeconômicos e demográficos

A Tabela 1 apresenta os dados socioeconômicos das cinco participantes entrevistadas, que apresentam idades entre 37 e 71 anos, todas autodeclaradas pretas ou pardas, o que de acordo com a Siliprandi (2015) reflete o recorte de gênero e raça comum entre as trabalhadoras rurais no Nordeste brasileiro.

Tabela 1. Perfil socioeconômico e demográfico de mulheres agricultoras do Sítio Macacos/Areia-PB.

Participante	Idade	Cor	Escolaridade	Renda (salário mínimo)	Fonte de Renda	Associação
P1	48	Parda	Ensino médio	1	Floricultura	Sim

P2	71	Preta	Ensino Fundamental incompleto	1	Agricultura, floricultura e benefícios	Sim
P3	48	Parda	Ensino Superior completo	1 a 2	Agricultura	Sim
P4	42	Parda	Ensino médio	1	Benefícios e floricultura	Sim
P5	37	Preta	Ensino Superior completo	2 a 3	Floricultura e comércio	Não

Fonte: Banco de dados da pesquisadora

Em relação a escolaridade, varia do ensino fundamental incompleto ao superior completo, destacando duas participantes com superior completo. De acordo com o IBGE (2022), esse índice está acima da média em relação a mulheres no contexto rural, desse modo, pode contribuir para a adoção de práticas agroecológicas e comercialização dos seus produtos.

A renda familiar varia entre 1 a 3 salários mínimos e é advinda da floricultura, agricultura e benefícios sociais. Apesar da renda modesta, essas mulheres se mostram fortes e atuantes, fortalecendo o protagonismo feminino. Além disso, todas participam ativamente da Associação para o Desenvolvimento Sustentável de Macacos e Furnas (ADESMAF).

5.2 Parte II – Saberes e práticas sobre as PANC

5.2.1 Levantamento das PANC identificadas nas falas das participantes

Diante das entrevistas, observa-se que as espécies de Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) citadas pelas participantes, revelam uma rica diversidade de saberes tradicionais e práticas agroecológicas adaptadas ao contexto rural do Sítio Macacos.

Desse modo, na tabela 2 estão inseridas as espécies e os seus usos relatados pelas participantes, sejam alimentícios, medicinais e ornamentais, revelando as práticas e refletindo a utilização dessas plantas na alimentação cotidiana e na economia local.

Tabela 2. Espécies vegetais citadas pelas floristas

Espécie (nome popular)	Nome científico	Uso relatado	Uso	PANC
Beldroega	<i>Portulaca oleracea</i> L.	Saladas	Alimentício	Sim
Ora-pro-nóbis	<i>Pereskia aculeata</i> Mill.	Suco verde, refogado, decoração	Alimentício e medicinal	Sim
Fada azul (Clitória)	<i>Clitoria ternatea</i>	Chás, decoração, corantes naturais	Alimentício e ornamental	Sim
Bougainvillea (Primavera roxa)	<i>Bougainvillea glabra</i>	Geleia, suco, decoração	Alimentício	Sim
Lanterna chinesa	<i>Abutilon striatum</i>	Decoração, uso culinário e degustações	Alimentício e ornamental	Sim
Beijo Turco	<i>Impatiens walleriana</i>	Decoração de tapiocas e chás	Alimentício e ornamental	Sim
Hibisco	<i>Hibiscus sabdariffa</i>	Chás	Alimentício e medicinal	Sim
Hortelã	<i>Mentha spicata</i>	Chás	Medicinal	Não
Mastruz	<i>Dysphania ambrosioides</i>	Medicinal	Medicinal	Não
Capim-santo	<i>Cymbopogon citratus</i>	Chás	Alimentício e Medicinal	Parcialmente
Taioba	<i>Xanthosoma sagittifolium</i>	Uso culinário	Alimentício	Sim
Cravina	<i>Dianthus chinensis</i> L.	Uso culinário	Alimentício	Sim
Pingo de ouro	<i>Duranta repens</i> L.	Decoração	Ornamental e Medicinal	Não
Cosmos Amarelo	<i>Cosmos sulphureus</i> Cav.		Alimentício e Medicinal	Parcialmente
Perpétua	<i>Alternanthera tenella</i> Colla	Uso alimentício	Alimentício	Sim
Beldroega	<i>Portulaca oleracea</i> L.	Decoração	Ornamental, alimentício e medicinal	Sim
Onze-horas	<i>Portulaca grandiflora</i> L.	Decoração	Ornamental e medicinal	Não
Erva doce	<i>Pimpinella Anisum</i> L.	Chás	Medicinal	Não
Manjeriço	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Temperos	Alimentício	Não
Erva cidreira	<i>Lippia alba</i>	Chás	Medicinal	Não

Espécie (nome popular)	Nome científico	Uso relatado	Uso	PANC
Beldroega	<i>Portulaca oleracea</i> L.	Saladas	Alimentício	Sim
Camomila	<i>Matricaria recutita</i> L.	Chás	Medicinal	Não
Girassol	<i>Helianthus annuus</i> L.	Uso alimentício	Alimentício	Sim
Borboletinha	<i>Rothea myricoides</i>	Decoração	Ornamental, alimentício e medicinal	Sim
Tumbérgia	<i>Thunbergia erecta</i> (Benth.) T.Anderson	Decoração	Ornamental e alimentício	Sim
Colônia	<i>Aloysia gratissima</i>	Temperos	Alimentício	Sim
Flamboiã	<i>Caesalpinia pulcherrima</i>	Saladas	Alimentício	Sim
Tagete	<i>Tagetes minuta</i> L.	Uso culinário	Alimentício e medicinal	Sim
Capuchinha	<i>Tropaeolum pentaphyllum</i> Lam.	Uso culinário e decoração	Alimentício e medicinal	Sim
Ipê	<i>Tabebuia spp.</i>	Uso culinário e decoração	Ornamental e alimentício	Sim
Lavanda	<i>Lavandula angustifolia</i>	Geleias, bolos e chás	Ornamental e alimentício	Sim
Café	<i>Coffea spp.</i>	Bebida	Alimentício e Medicinal	Não
Milho	<i>Zea mays</i>	Uso culinário	Alimentício	Não
Begônia	<i>Begonia cucullata</i> Willd.	Uso culinário e decoração	Ornamental e Alimentício	Sim

Fonte: Base de dados da pesquisadora

Ao todo foram citadas 34 espécies vegetais, que em sua maioria foram repetidas entre as participantes, como também algumas são consideradas como PANC (22 espécies), de acordo com Kinupp e Lorenzi (2014), principais referências no Brasil quando se trata sobre a temática.

Kinupp e Lorenzi (2014) defendem que muitas dessas espécies, que devido à falta de conhecimento não estão presentes na alimentação dos indivíduos e acabam sendo desvalorizadas economicamente, embora as PANC apresentem um alto valor nutricional, funcional e cultural. No entanto, podemos observar que nas mãos das floristas do Sítio Macacos, as PANC ganham visibilidade e inovação, principalmente ao serem inseridas em contextos turísticos (característico de Areia/PB), como também em contextos gastronômicos, exemplificando com os kits de plantas comestíveis comercializado pela P4 (Figura 2), que viabiliza essa imersão em cafeterias e restaurantes de Campina Grande e Bananeiras, ambos na Paraíba.

Figura 2. Kit de flores comestíveis comercializadas pela P4.



Fonte: Base de dados da pesquisadora

Altieri (2006) destaca que as espécies negligenciadas pelo agronegócio na maioria das vezes, desempenham um papel crucial na segurança alimentar, no uso sustentável do solo e na autonomia das comunidades.

Outrossim, durante a análise das espécies citadas pelas participantes, observou-se que as entrevistadas também incluíram em suas respostas plantas tradicionalmente conhecidas pelo seu uso medicinal, como Hortelã (*Mentha spicata*), Capim-santo (*Cymbopogon citratus*) e Mastruz (*Dysphania ambrosioides*), onde as mesmas respondem juntamente com espécies de PANC, podendo gerar confusões no uso dos termos PANC e medicinal, “A gente usa o chá da fada azul e da bougainville. Também tem hortelã, mastruz, essas aí né.” (P5, Q16, dados da pesquisa, 2025).

Diante disso, Kinupp e Lorenzi (2014) definem as PANC como plantas com potencial alimentício, que não são consumidas comumente ou comercializadas em grandes quantidades, apesar de apresentarem propriedades seguras e nutritivas. A partir disso, entendemos que essas características não se enquadram às plantas medicinais, visto que, não são consumidas como alimentos, algumas parcialmente, mas mesmo assim, não podem ser consideradas PANC, pois são utilizadas primordialmente para fins terapêuticos.

5.2.2 Saberes tradicionais e construção do conhecimento

Algumas participantes relataram que aprenderam a cultivar as PANC com os familiares, onde observamos a transmissão do conhecimento por gerações e a vivência prática como forma de aprendizado, “Primeiro na prática com os familiares, desde a infância e depois a gente foi se aperfeiçoando também com a vivência e com os cursos pela internet, capacitações.” (P1, Q13, dados da pesquisa, 2025), A participante 2 também respondeu: “A gente mesmo aqui na floricultura, foi dando certo. Teve curso também.” (P2, Q13, dados da pesquisa, 2025).

Esse saber empírico, que é transmitido por gerações, demarca como a base empírica pode auxiliar na compreensão científica da existência e caracterização das PANC, em relação à produção, uso e o valor nutricional (Amorozo, 2002).

Em outra análise, é possível que identifiquemos uma certa tensão entre o saber empírico na construção do conhecimento e os critérios da ciência moderna,

isso, pois de acordo com Bachelard (1996), para que haja a construção do conhecimento científico, deve haver uma ruptura com o senso comum e a superação dos obstáculos epistemológicos, visto que, as ideias e crenças advindas desses obstáculos podem limitar o avanço da ciência. No entanto, no presente estudo, não consideramos os saberes tradicionais como um obstáculo ao conhecimento, mas sim, como um conhecimento resultante de processos históricos e vivências práticas, sem dispensar os saberes populares (Santos, 2007).

Kinupp e Lorenzi (2014) reforçam que a preservação dos saberes tradicionais está implicada principalmente no contexto do protagonismo feminino, visto que, essas mulheres tornam-se guardiãs de vegetais que são negligenciados pela sociedade.

Como as participantes estão envolvidas no APL da Floricultura do Brejo paraibano, as mesmas conseguem ter acesso a informações e oportunidades ofertadas pelas universidades e as demais instituições participantes, reforçando as análises de Cassiolato e Lastres (2003), que destacam a inovação e o aprendizado como resultantes de processos de interações com base nos contextos sociais, econômicos e institucionais.

À vista disso, nota-se que o APL da Floricultura do Brejo paraibano ao empregar a mão de obra feminina, torna-se uma força coletiva que age para superar as desigualdades e as adversidades que são encontradas no caminho para o protagonismo feminino (Figura 3).

Figura 3. Produção de flores comestíveis resultantes das capacitações



Fonte: Base de dados da pesquisadora

Simultaneamente, as participantes relataram o acesso a capacitações formais, como cursos e minicursos ofertados pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Instituto Federal da Paraíba (IFPB) e, principalmente, o SEBRAE, reforçando a importância da interligação entre o saber científico e tradicional, desse modo, as participantes 4 e 5, respondem: “Através da associação junto com a IFPB daqui de Areia, aí a gente teve um intercâmbio na associação, um evento.” (P4, Q13, dados da pesquisa, 2025), “Assim, com a orientação dos professores da universidade, que sempre faz minicursos.” (P5, Q13, dados da pesquisa, 2025).

5.2.3 As PANC na alimentação e comercialização

Nem todas as entrevistadas utilizam as PANC em seu cotidiano, mas, as que utilizam, reconhecem os seus valores nutricionais e até mesmo medicinais. Percebe-se que o uso mais comum está em saladas, chás, sucos, bolos, pães e geleias (figuras 4 e 5). Como também estão sendo utilizadas na ornamentação e degustação em eventos e pontos turísticos da cidade de Areia/PB: “Tipo a geleia de bougainville, o bolo fada azul, bolo de ora-pro-nobis, suco, pão e decoração nos cafés também.” (P5, Q15, dados da pesquisa, 2025).

Quando o pessoal vem fazer a degustação já faço. Eu uso essas todinhas pra degustação. Essa aqui a gente faz o chá dela, aí esse cházinho ele muda de cor, fica azul e depois fica rosa, aí ele faz essa apresentação todinha. Aí essa daqui é rosa, ela tem o gosto de fruta, a pessoa faz a degustação. Lanterna chinesa ela contém fibra né. (P4, Q15, dados da pesquisa, 2025).

As geleias na Figura 4 representam uma das produções das floristas, dentre elas observa-se a geleia de Malvavisco com maçã. O malvavisco (*Malvaviscus arboreus*) é considerada uma PANC, as suas flores são comumente utilizadas como espessante natural de geleias, o que reduz a quantidade de açúcar nas receitas, servindo também como corante natural. As suas folhas são semelhantes nutricionalmente com as folhas de espinafre e couve (Callegari; Matos-Filho, 2017).

Já a Fada Azul (*Clitoria Ternatea*) é uma leguminosa que possui pétalas de coloração azul, com cerca de 40 cm de largura (Alves et al., 2021). Dessa forma,

como foi relatado entre as participantes, utiliza-se comumente esta leguminosa para produção de bolos, chás, geleias, sucos e ornamentação. Sendo um corante natural com grande potencial, visto que, de acordo com Alves et al (2021), apresenta propriedades antioxidantes benéficas.

Figura 4. Geleias produzidas a partir de PANC, nos Quintais Produtivos do Sítio Macacos/Areia-PB.



Fonte: Base de dados da pesquisadora

Dentre as produções das floristas, observa-se na Figura 5 que o bolo de Ora-pro-nóbis (*Pereskia aculeata*) é advindo de um cacto arbustivo, nativo do Brasil, presente principalmente nos biomas Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica. Logo, dentre as suas estruturas, podem ser consumidas as suas folhas, frutos e até as flores. Dentre as suas informações nutricionais estudos citam que a cada 100g de folhas, equivale a 3,02 kg de proteína, 0,29 de gordura, 2,66g de carboidratos, 5,58 de fibra e cerca de 25 Kcal (JBRJ, 2018; Mundin, 2010; Takeiti et al., 2009).

A Bougainvillea (*Bougainvillea glabra*), presente na figura 5, é conhecida popularmente como primavera roxa, tem um sabor suave e as suas cores podem variar entre roxas, rosas, brancas, vermelhas e amarelas (Reitz, 1970).

A primavera roxa possui ações antioxidantes e anti-inflamatórias, como também combate o excesso de radicais livres (Ranieri, 2021). Desse modo, as

participantes relatam o seu uso na produção de geleias, chás, sucos e em ornamentações de alimentos.

Figura 5. Bolo de Ora-pro-nóbis e Geleia de Bougainville



Fonte: Base de dados da pesquisadora

A inserção das PANC no cotidiano é indispensável para a promoção da Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) e da soberania alimentar, uma vez que, aumenta a diversidade e riqueza na dieta alimentar (Durigon; Madeira; Kinupp, 2023).

Essas plantas são tidas como fontes de nutrientes, vitaminas e minerais fundamentais para o organismo humano, como também apresentam elementos antioxidantes, anti-inflamatórios e até ações terapêuticas (Paschoal; Souza, 2015).

No Sítio Macacos, observa-se que a comercialização é uma das principais finalidades da produção de PANC, não estando restrita apenas ao consumo familiar, mas, especialmente em formas inovadoras de comercialização, como os chamados “kits de flores comestíveis”, comercializados pela P4:

A gente faz a seleção das PANC e monta os kits P, M e G. Toda semana a gente tem ponto fixo, aí a gente faz entregas dos kits, aí a gente fornece para vários restaurantes de Campina Grande e Bananeiras. Aí a gente toda semana produz as plantas que já tem o caminho certo pra elas ir. (P4, Q1, dados da pesquisa, 2025).

Essa prática de produzir alimentos com valor simbólico e nutricional se adequa muito à chamada economia criativa, que implica na criatividade para produção de bens e serviços, abrangendo aspectos econômicos, sociais e culturais (IPEA, 2013).

As PANC são apresentadas como uma alternativa viável para a economia local, visto que, as participantes utilizam seus saberes tradicionais e científicos para ressignificar essas plantas que são geralmente esquecidas ou desconhecidas pela sociedade. Desse modo, seja para uso doméstico ou comercialização, as mesmas estão utilizando as PANC, garantindo a movimentação econômica local e regional, gerando renda e proporcionando a existência de novos negócios (Okumoto, 2022).

Apesar da inovação na comercialização das PANC, são existentes barreiras que precisam ser superadas. Algumas participantes relataram dificuldades no acesso às sementes:

Uma das grandes dificuldades é a questão de como adquirir sementes, algumas, né? porque outras a gente já tem alguma matriz aí a gente vai fazendo mudas. No caso da lavanda, a gente não conseguiu ainda ter um matrizeiro para fazer sementes, então a gente fica dependente das empresas. (P1, Q18, dados da pesquisa, 2025).

Além disso, também foram relatadas questões como a dificuldade de comercialização das PANC devido ao desconhecimento do público consumidor e a falta de transporte refrigerado para alcançar notoriedade em outros estados

Quanto à comercialização, quando a gente fala de PANC ainda é uma coisa nova, né? O povo não conhece e muitas vezes pra gente vender algumas tem que tá dizendo, tem que explicar. Já com as medicinais como o povo já conhece, aí já vem a procura pra fazer um chá, uma coisa assim... mas assim, a flor em si mesmo pra degustação, pra comer, ainda é uma coisa nova, principalmente aqui na cidade de Areia e na Paraíba, né? Em São paulo e no Rio de Janeiro isso já acontece nos restaurantes, mas aqui ainda é o início de tudo. (P1, Q18, dados da pesquisa, 2025).

Eu acho o problema de transporte, a gente não tem um transporte adequado porque no caso seria em quantidade, um transporte refrigerado, né, pra levar, porque tem mercado pra elas, pra fazer as entregas. (P4, Q18, dados da pesquisa, 2025).

Esses dados aumentam a robustez dos estudos de Khoury et al (2016), pois, fatores como a urbanização, o desenvolvimento econômico e agrícola contínuo, a industrialização de ultraprocessados no comércio alimentar, provocaram a perda no

conhecimento relacionado ao uso dos recursos vegetais, podendo significar uma grande ameaça na disponibilidade de alimentos de origem agrícola e na promoção de segurança alimentar.

Em outra análise, a partir do momento que essas mulheres passam a participar de uma organização ou movimento social, elas estão suscetíveis a diversas dificuldades, sejam elas: distância, faltas de meios de transporte e recursos financeiros, deslegitimação por ser agricultora e até mesmo por não ser “estudada”, pode implicar na dificuldade de comercialização dos seus produtos (Siliprandi, 2015).

5.2.4 O papel das mulheres na agricultura

A maioria das mulheres entrevistadas relataram que a produção de flores e PANC contribuíram para a autonomia econômica, autoestima e reconhecimento social. A produção de PANC também inspirou outras mulheres a empreender, podemos observar no quadro 1.

Quadro 1. Percepções das mulheres sobre seu papel na agricultura

Participantes	Falas
P1	<p>“Eu vejo que a maioria das mulheres estão empenhadas nesse processo de produção de flores e que o engajamento delas tem mudado a própria história delas ou nossa, né? no caso. E que tem dado visibilidade e encorajamento a outras mulheres, não somente daqui da comunidade local, mas de outras comunidades de Areia e não somente de Areia, mas de outras cidades também. Porque no início quando nós começamos a gente tira exemplo disso, era só nós que vendíamos flores e hoje em dia a gente vê que tem várias mulheres que estão vendendo, principalmente aqui da cidade de Areia mesmo das periferias do subúrbio, que sempre estão vendendo lá suas florzinhas e que tão tirando seu sustento disso aí, e que muitas vezes levam as suas flores e deixam lá na banca da gente pra gente vender, depois vai pegar o dinheiro e que elas disseram assim, que foi algo novo pra elas e que elas tão conseguindo comprar o que não podiam comprar, como por exemplo eu até me emociono, uma sandália, um sapato, algum eletrodoméstico pra casa, que às vezes com o salário delas, ou sem o salário, porque tinha só o</p>

	marido, mas que agora elas conseguem juntar e comprar. Isso é muito gratificante.”
P2	“Vou responder o que? eu acho que é importante.”
P3	“É importante. É uma renda pra que elas fiquem ocupando a mente, né? fazendo algo diferenciado, e não fica naquele intuito de ficar em casa. Adquire mais conhecimento com outras pessoas.”
P4	“É importante porque na própria terra elas podem cultivar as suas flores e ganhar sua renda, que graças a deus, hoje a gente já tá com a renda razoável, que dá pra sobreviver, sem dependência de esposo, com sua própria dependência, sem sair do seu lugar de origem, é muito importante isso... é o que a gente pensou no início da associação, de não sair pras grandes capitais atrás de emprego e continuar aqui, e o pessoal hoje dá muito valor a gente e, assim, vocês são produtoras, vocês tem seu próprio negócio e vocês mesmo aqui.”
P5	“É muito importante porque tá valorizando o trabalho feminino, é uma fonte de renda e de conhecimento.”

Fonte: Base de dados da pesquisadora

A economista Ester Boserup (1970), pioneira quando se trata na participação das mulheres na força de trabalho agrícola, evidenciou em seu livro as múltiplas facetas que as mulheres têm que desempenhar em seu trabalho no campo e ao mesmo tempo no seu trabalho em casa, resultando em um duplo emprego, que por sua vez, é integral.

Essas mulheres ao longo dos anos dividiram-se entre as atividades domésticas e auxiliando os seus maridos na agricultura. A partir disso, com o passar dos anos, as mulheres que adquiriram bastante conhecimento advindo da família e das atividades no campo, criam autonomia e vão em busca de tecnologias e inovações para o melhoramento dos seus plantios e criações. As mesmas se unem e formam uma rede de apoio, reforçando as análises de Tavares, Minuzzo e Santos (2021), que evidenciam o protagonismo feminino a partir da formação de uma rede de apoio entre as mulheres.

Ao decorrer das falas, as mulheres destacam a produção e comercialização de flores e PANC, que apesar de algumas vezes se mostra razoável, é considerado

como uma das principais fonte de renda, dispensando a ajuda financeira dos seus cônjuges, destacando-se como uma estratégia de geração de renda e empreendedorismo rural (ODS 8). Essas falas ilustram com precisão o que Siliprandi (2015) define o chamado empoderamento agroecológico feminino, onde essas mulheres passam a ocupar espaços de liderança, geram sua renda e constroem identidades atuantes no campo.

Ademais, as falas dessas mulheres também revelam que a relação delas com a biodiversidade local vai além do aspecto técnico, alinhando-se aos estudos de Santos e Bianchini (2021), que destacam a importância dessa rede de apoio entre as mulheres na promoção da valorização da biodiversidade local, isso por um meio mais cultural, afetivo e simbólico, característicos da construção dos saberes tradicionais, estando em consonância com os ODS 2, 5, 8 e 15.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa indicou que a produção de Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) pelas mulheres do Sítio Macacos, em Areia–PB, pode contribuir para o fortalecimento da Segurança Alimentar e Nutricional (SAN), além de valorizar saberes tradicionais e incentivar o protagonismo feminino no meio rural. Apesar do número reduzido de participantes, foi possível observar sinais de criatividade, autonomia e resistência, mesmo diante de desafios como o acesso limitado a sementes e a pouca valorização comercial das PANC, sendo estas utilizadas tanto na alimentação quanto como fonte complementar de renda.

Observou-se que essas mulheres articulam os saberes tradicionais e científicos em suas práticas cotidianas, o que pode ampliar suas possibilidades econômicas e sociais. Ainda que não se trate de um processo plenamente consolidado, a atuação coletiva e as redes institucionais de apoio parecem impulsionar o reconhecimento social e fomentar práticas sustentáveis. Assim, os resultados desta pesquisa corroboram com diversos estudos que apontam as PANC como alternativas promissoras para a promoção da segurança alimentar, o empoderamento feminino e o desenvolvimento rural sustentável, em consonância com os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS).

7 REFERÊNCIAS

ABREU, Letícia de Figueiredo Assencio; JUNQUEIRA, Ana Maria Resende. Local knowledge and use of non-conventional food plants (PANC) in the Nova Camapuã Settlement, Federal District. *Concilium*, Brasília, v. 23, n. 10, p. 509–528, jun. 2023. Disponível em: <https://clium.org/index.php/edicoes/article/view/1410>. Acesso em: 10 jun. 2025.

ALENCAR, Álvaro Gurgel de. Do conceito estratégico de segurança alimentar ao plano de ação da FAO para combater a fome. *Revista Brasileira de Política Internacional*, Brasília, v. 44, n. 1, p. 139–145, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbpi/a/TwYTSm8zRGc8zNcLw4NZJjv/>. Acesso em: 30 abr. 2025.

ALTIERI, Miguel A. *Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável*. 4. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

ALVES DA SILVA, Gisele Fernanda; DOS SANTOS, Luan Gustavo; GOMES, Bruno Marques; GUIMARÃES MARTINS, Vilásia. *Clitoria ternatea: avaliação do tempo de extração de compostos fenólicos obtidos pela técnica assistida por ultrassom*. *Revista Brasileira de Agrotecnologia*, Marechal Cândido Rondon, v. 11, n. 2, p. 990–994, abr.–jun. 2021. DOI: 10.18378/REBAGRO.V12I2.8940.

AMOROZO, Maria Christina de Mello. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Leverger, MT, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, v. 16, n. 2, p. 189–203, 2002.

ANDRADE-LIMA, Dárdano. Present day forest refuges in Northeastern Brazil. In: PRANCE, Ghilleen T. (org.). *Biological diversification in the tropics*. New York: Columbia University Press, 1982. p. 245–254.

ANGHEL, Adriana Iuliana; OLARU, Octavian Tudorel; GATEA, Florentina; DINU, Mihaela; ANCUCEANU, Robert Viorel; ISTUDOR, Viorica. Preliminary research on *Portulaca grandiflora* Hook. species (Portulacaceae) for therapeutic use. *Farmacia Journal*, București, v. 61, n. 4, p. 694–702, 2013. Disponível em: <https://farmaciajournal.com/issue-articles/preliminary-research-on-portulaca-grandiflora-hook-species-portulacaceae-for-therapeutic-use/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

ARAÚJO, Lenyneves Duarte Alvino de; NASCIMENTO, Naysa Flávia Ferreira do (Coords.). *Plantas alimentícias não convencionais (PANCs) cultivadas no Brejo Paraibano*. Maringá: Atena Editora, 2024. 38 p. ISBN 978-65-258-2841-1. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/917088>. Acesso em: 14 mai. 2025.

BACHELARD, Gaston. *A formação do espírito científico*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996 [1938].

BALEM, Tânia Aparecida; SILVEIRA, Paulo Roberto Colombo. A erosão cultural alimentar: processo de insegurança alimentar na agricultura familiar. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANA DE SOCIOLOGIA RURAL, 2005, Porto Alegre, Brasil. *Anais do Congresso da Associação Latino-Americana de Sociologia Rural*. Porto Alegre, 2005.

BARBOSA, Maria Rita Villela; AGRA, Maria Franco Trindade; SAMPAIO, Evandro Vasconcelos de Albuquerque; CUNHA, João Pessoa; ANDRADE, Lúcia de Araújo. Diversidade florística na Mata do Pau-Ferro, Areia, Paraíba. In: PÔRTO, Kátia Cristina; CABRAL, José Júlio Pereira; TABARELLI, Marcelo (org.). *Brejos de altitude em Pernambuco e Paraíba: história natural, ecologia e conservação*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004. p. 111–121. (Série Biodiversidade, 9).

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BATISTA, Ana Nery; NUNES, Eliane Nunes; LUCENA, Cristiane Moraes; REGO, Edileuza Rodrigues; BATISTA, Francisco Rafael Costa; SANTOS, Sandra Soares; LUCENA, Reinaldo Farias Paiva. Plantas alimentícias não convencionais: segurança alimentar e nutricional para o desenvolvimento sustentável no Semiárido brasileiro?. *FLOVET – Flora, Vegetação e Etnobotânica*, Cuiabá (MT), v. 2, n. 13, e2024013, 2024.

BOSERUP, Ester. *Woman's Role in Economic Development*. Londres: George Allen & Unwin, 1970.

BRANDÃO, Gabriella Henrique. Caracterização e manejo dos quintais agroflorestais por mulheres da floricultura no Brejo Paraibano. 2023. 103 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Agrárias – Agroecologia) – Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias, Universidade Federal da Paraíba, Bananeiras, 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Alimentos regionais brasileiros, 2. ed., Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2015. 484p. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/alimentos_regionais_brasileiros_2ed.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2025.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento/Gabinete da Ministra. Portaria Interministerial MAPA/MMA Nº 10, de 21 de julho de 2021. Institui lista de espécies nativas da sociobiodiversidade de valor alimentício, para fins de comercialização in natura ou de seus produtos derivados. Diário Oficial da União. ed. 137, seção 1, 2021. Disponível em: <<https://in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-interministerial-mapa/mma-n-10-de-21-de-julho-de-2021-333502918>>. Acesso em: 14 abr. 2025.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Catálogo de Produtos da Sociobiodiversidade do Brasil: Ofertados pelos povos e comunidades tradicionais em Unidades de Conservação Federais. 2. ed., Brasília, DF: ICMBio, Ministério do Meio Ambiente, 2019. 101p.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, v. 3, n. 2, p. 77–101, 2006.

BURITY, Valéria; FRANCESCHINI, Thaís; VALENTE, Flávio Luiz Schieck; RECINE, Elisabetta; LEÃO, Marília; CARVALHO, Maria de Fátima. Direito humano à alimentação adequada no contexto da segurança alimentar e nutricional. Brasília, DF: Ação Brasileira pela Nutrição e Direitos Humanos (ABRANDH), 2010. 204 p. Disponível em: Acesso em: 30 abr. 2025.

CANINI, Giselle Beber; BATISTA, Renata Cabus Dias; ARAÚJO, Raquel Ivanicska Soriano de Mello. Flores comestíveis: alternativa e agregação de renda. Emater-DF, maio 2024. 14 p. Disponível em: <http://hdl.handle.net/123456789/228>. Acesso em: 9 jun. 2025.

CALLEGARI, Cláudio Roberto; MATOS FILHO, Antônio Maria dos. *Plantas alimentícias não convencionais – PANCs*. Florianópolis: Epagri, 2017. 53 p. (Boletim Didático, n. 142).

CÂNDIDO, Wesley Pereira; CANGUÇU, Luan Rodrigues. Análise da ODS 5: igualdade de gênero nas organizações. *Brazilian Journal of Business*, v. 3, n. 3, p. 2349–2363, 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJB/article/view/33926/26530>. Acesso em: 13 jun. 2025.

CASSIOLATO, José Eduardo; LASTRES, Helena M. M. O foco em arranjos produtivos e inovativos locais de micro e pequenas empresas. In: LASTRES, Helena M. M.; CASSIOLATO, José Eduardo; MACIEL, Maria Lucia (Org.). *Pequena empresa: cooperação e desenvolvimento local*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

CORADIN, Lídio. A Iniciativa Plantas para o Futuro. In: CORADIN, L.; SIMINSKI, A.; REIS, A. (ed.). *Espécies Nativas da Flora Brasileira de Valor Econômico Atual ou Potencial: Plantas para o Futuro—Região Sul*. Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente, 2011. 936p. Disponível em: https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/biodiversidade/fauna-e-flora/Regiao_Sul.pdf. Acesso em: 14 abr. 2025.

CORDEIRO, Sandra Zorat. *Thunbergia erecta* (Benth.) T. Anderson – manto-de-rei / tumbérgia-azul-arbustiva. Herbário Prof. Jorge Pedro Pereira Carauta – HUNI, UNIRIO, 2019. Disponível em: <https://www.unirio.br/ccbs/ibio/herbariohuni/thunbergia-erecta-manto-de-rei>. Acesso em: 10 jun. 2025.

CORRÊA, Manoel P. *Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas*. v.1. Rio de Janeiro, RJ: Ministério da Agricultura, Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, 1984. 747p.

COSTA, Eronita de Aquino. *Nutrição e Fitoterapia: tratamento alternativo através das plantas*. Petrópolis, RJ, Editora Vozes, 2012.

DUARTE, Margareth do Rocio; LIMA, Maria Paula de. Análise farmacopéica de amostras de camomila *Matricaria recutita* L., Asteraceae. *Visão Acadêmica*, Curitiba, v. 4, n. 2, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.5380/acd.v4i2.527>. Acesso em: 9 jun. 2025.

DURIGON, Juliana; MADEIRA, Rafael Nascimento; KINUPP, Valdely Ferreira. Plantas alimentícias não convencionais (PANC): da construção de um conceito à promoção de sistemas de produção mais diversificados e resilientes. *Revista Brasileira de Agroecologia*, v. 18, n. 1, p. 268–291, 2023. ISSN 1980-9735. DOI: <https://doi.org/10.33240/rba.v18i1.23722>.

ERBER, Fábio Sá. Eficiência coletiva em arranjos produtivos locais industriais: comentando o conceito. *Nova Economia*, v. 18, n. 1, 2009. Disponível em: <https://revistas.face.ufmg.br/index.php/novaeconomia/article/view/496>. Acesso em: 28 nov. 2024.

EVANGELISTA, Larissa Martins; ROCHA, Caroline Barbosa; MOREIRA, Rafael Fernandes de Almeida. Erva-doce: uma revisão sobre a composição química e a bioatividade de seus óleos essenciais. *Observatório de la Economía Latinoamericana*, [S. l.], v. 22, n. 6, p. e3128, 2024. DOI: 10.55905/oelv22n6-009. Disponível em: <https://ojs.observatoriolatinoamericano.com/ojs/index.php/olel/article/view/3128>. Acesso em: 10 jun. 2025.

FAO. An introduction to the basic concepts of food security. Rome: Food and Agriculture Organization of the United Nations, 2008. Disponível em: <https://www.fao.org/3/al936e/al936e.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2025.

FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONTOLAN, Maria Vitória; FERRAREZE, Rafael Bozzo; SIGNOR, Altevir; LIMA, Romilda de Souza. ODS 2: fome zero e agricultura sustentável no contexto rural. *Segurança Alimentar e Nutricional*, Campinas, v. 29, p. 1–13, e022001, 2022. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/san/article/view/8665666>. Acesso em: 13 jun. 2025.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

IBGE. Censo Demográfico 2022: população residente por município. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: https://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2022/Previa_da_Populacao/PB_POP2022.pdf. Acesso em: 14 maio 2025.

IBGE. Estatísticas de Gênero: Indicadores sociais das mulheres no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

IBGE. Estimativas da população residente para os municípios brasileiros com data de referência em 1º de julho de 2024. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em: https://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2024/estimativa_dou_2024.pdf. Acesso em: 14 maio 2025.

IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada). Panorama da Economia Criativa no Brasil. Brasília: Rio de Janeiro: Ipea, 2013.

IRANSHAHY, Milad; JAVADI, Behjat; IRANSHAHI, Mehrdad; JAFARI, Faezeh; LORIGOOINI, Zahra; HASHEMI, Ali; ASKARIAN, Sajad; SHAMS-ARDKANI, Mohammadreza. A review of traditional uses, phytochemistry and pharmacology of *Portulaca oleracea* L. *Journal of Ethnopharmacology*, v. 204, p. 158–172, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jep.2017.04.021>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0378874116323710>. Acesso em: 10 jun. 2025.

JBRJ. Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Re fora: Flora do Brasil 2020 - Algas, Fungos e Plantas. 2018.

JACOB, Michelle Medeiros. Biodiversidade de plantas alimentícias não convencionais em uma horta comunitária com fins educativos. *Demetra: Alimentação, Nutrição e Saúde*, v. 15, p. e44037, 2020.

JANNUZZI, Hermes; MATTOS, Jean Kleber A.; VIEIRA, Roberto F.; SILVA, Dijalma B.; BIZZO, Humberto R.; GRACINDO, Ligia A. M. Avaliação agrônômica e identificação de quimiotipos de erva-cidreira (*Lippia alba*) no Distrito Federal. *Horticultura Brasileira*, Campinas, v. 28, n. 4, p. 412–417, out.–dez. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-05362010000400006>. Acesso em: 9 jun. 2025.

KHANAL, Pukar; PATIL, Basanagouda M. Integration of network and experimental pharmacology to decipher the antidiabetic action of *Duranta repens* L. *Journal of Integrative Medicine*, v. 19, n. 1, p. 66–77, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.joim.2020.10.003>. Acesso em: 9 jun. 2025.

KHOURY, Colin K.; ACHICANOY, Harold A.; BJORKMAN, Anne D.; NAVARRO-RACINES, Carlos; GUARINO, Luigi; FLORES-PALACIOS, Ximena; ENGELS, Johannes M. M.; WIERSEMA, John H.; DEMPEWOLF, Hannes; SOTELO, Steven; RAMÍREZ-VILLEGAS, Julian; CASTAÑEDA-ÁLVAREZ, Nora P.; FOWLER, Cary; JARVIS, Andy; RIESEBERG, Loren H.; STRUIK, Paul C. Origins of food crops connect countries worldwide. *Proceedings of the Royal Society B: Biological Sciences*, v. 283, n. 1832, p. 1–9, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1098/rspb.2016.0792>.

KINUPP, Valdely Ferreira; BARROS, Ione Beatriz Inês de. Riqueza de plantas alimentícias não convencionais na Região Metropolitana de Porto Alegre, Rio

Grande do Sul. *Revista Brasileira de Biociências*, [S. l.], v. 5, n. S1, p. 63–65, 2007. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/rbrasbioci/article/view/115891>. Acesso em: 14 abr. 2025.

KINUPP, Valdely F. Plantas Alimentícias Não Convencionais na Região Metropolitana de Porto Alegre, RS. 2007. 590 p. Tese (Doutorado em Fitotecnia) - Faculdade de Agronomia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

KINUPP, Valdely F.; LORENZI, Harry. Plantas alimentícias não convencionais (PANC) no Brasil : guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas. 1. ed. Nova Odessa, SP: Plantarum, 2014. 768p.

KINUPP, Valdely Ferreira. Plantas alimentícias não-convencionais da Região Metropolitana de Porto Alegre, RS. *Revista Brasileira de Agroecologia*, v. 3, n. 3, p. 53–54, dez. 2008. Disponível em: <https://revista.aba-agroecologia.org.br/rba/article/view/7544>. Acesso em: 9 jun. 2025.

LESTARI, Evi Budi; YUWANA, Raden Yuwono. Empowering women farmers through agricultural extension approach focusing on gender equality and sustainability. *Agricultural Management Research Journal*, v. 3, n. 1, 2023.

LIBERATO, Paulo Sérgio; et al. PANCs – Plantas alimentícias não convencionais e seus benefícios nutricionais. *Environmental Smoke*, v. 2, n. 2, p. 102–111, 2019.

MACHADO, Mariana; GABRIEL, Carolina; VASCONCELOS, Francisco. Findings of evaluative research on the Brazilian Food and Nutritional Security System: A scoping review from 2006 to 2022. *Revista de Nutrição*, v. 37, p. e230115, 2024.

MAJOLO, Maria Cristina Antunes; LIMA, José Ricardo Ferreira; SANTOS, Débora Gomes. Plantas alimentícias não convencionais (PANCs) como promotoras de segurança alimentar e nutricional. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 6, n. 3, p. 282–299, 2020. Disponível em: <https://cadernos.aba-agroecologia.org.br/index.php/cadernos/article/download/5582/2678/>. Acesso em: 17 jun. 2025.

MARQUES, Antônio; SILVA, José; SILVA, Daniel. Refúgios úmidos do semiárido: um estudo sobre o Brejo de Altitude de Areia-PB. *Revista Geotemas*, Pau dos Ferros, v. 4, n. 2, p. 17–31, 2014. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/GEOTemas/article/view/661>. Acesso em: 11 maio 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

MOREIRA, Elpídio Rodrigues de Freitas. *Mesorregiões e microrregiões da Paraíba: delimitação e caracterização*. João Pessoa: GAPLAN, 1988. 74 p.

MUNDIN, Mariana. Avaliação da composição nutricional e aceitação sensorial de picolés de limão com e sem ora-pro-nóbis (*Pereskia aculeata* Miller). 2010. Monografia (Graduação em Engenharia de Alimentos) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.

NEVES, José; MACHADO, Mick; OLIVEIRA, Luna; MORENO, Yara; MEDEIROS, Maria; VASCONCELOS, Francisco. Unemployment, poverty, and hunger in Brazil in Covid-19 pandemic times. *Revista de Nutrição*, v. 34, p. e200170, 2021.

OKUMOTO, Flávia S. B. Plantas alimentícias não convencionais: uma alternativa para a economia criativa. 2022. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, MS, 2022. Orientador: Prof. Dr. Heitor Romero Marques.

PANELLI-MARTINS, Bárbara E.; SANTOS, Sandra M. C.; ASSIS, Ana M. O. Segurança alimentar e nutricional: desenvolvimento de indicadores e experimentação em um município da Bahia, Brasil. *Revista de Nutrição*, Campinas, 21 (Suplemento): 65s-81s, jul./ago., 2008.

PASCHOAL, Vanessa; SOUZA, Neide Souza. Plantas alimentícias não convencionais (PANC). In: CHAVES, Denise Fernandes de Souza (Org.). *Nutrição clínica funcional: compostos bioativos dos alimentos*. São Paulo: VP Editora, 2015. Cap. 13, p. 302-323.

PASSOS, Mahedy Araujo Bastos. Plantas alimentícias não convencionais (PANC) ocorrentes em Roraima. *Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar*, Mossoró, v. 5, n. 14, 2019. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/RECEI/article/view/1685>. Acesso em: 9 jun. 2025.

PAULILO, Maria Ignez S. O Peso do Trabalho Leve. *Ciência Hoje*, n. 28, 1987.

PECKOLT, Theodoro. História das plantas alimentares e de gozo do Brasil. Rio de Janeiro, RJ: Eduardo & Henrique Lemmertz, 1871.167p.

RAMOS, Felipe Augusto Fernandes; OLIVEIRA, Ingrid Taynar Justino de. O consumo do ácido clorogênico e cafeína presentes no café e a sua função coadjuvante na perda de peso: uma revisão de literatura. 2020. Monografia (Bacharelado em Nutrição) – Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2020.

RANIERI, Guilherme Reis. Guia Prático de PANC. 2017. Disponível em: <https://institutokairos.net/2020/11/guia-pratico-de-panc/>. Acesso em: 03 abr. 2025

RANIERI, Guilherme Reis. Matos de comer: identificação de plantas comestíveis. 1. ed. São Paulo, 2021. 463p.

RAMOS, Felipe Augusto Fernandes; OLIVEIRA, Ingrid Taynar Justino de. O consumo do ácido clorogênico e cafeína presentes no café e a sua função coadjuvante na perda de peso: uma revisão de literatura. 2020. Monografia (Bacharelado em Nutrição) – Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília (UnICEUB), Brasília, 2020. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/14439>. Acesso em: 17 jun. 2025.

REITZ, Raulino. *Nictagináceas*. In: REITZ, Raulino (org.). *Flora Ilustrada Catarinense*. Itajaí: Herbário Barbosa Rodrigues, 1970.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2007.

SANTOS, Ednalva das Graças; CORREA, Wallace Ribeiro. Atividade antioxidante de flores de cosmos amarelo (*Cosmos sulphureus* Cav.). In: JORNADA CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA DO IFSULDEMINAS, 15., 2023, Inconfidentes. Anais [...] v. 15, n. 1, 2023. Seção Biologia Geral. Disponível em: <https://josif.ifsuldeminas.edu.br/ojs/index.php/anais/article/view/1205>. Acesso em: 9 jun. 2025.

SANTOS, Fernanda Martins; BIANCHINI, Rosângela Simas. As plantas alimentícias não convencionais (PANCs) e os saberes tradicionais: contribuições para a segurança alimentar e nutricional. *Revista Extensão Rural*, v. 28, n. 2, p. 52–70, 2021.

SCHENATO, Vanessa Cristina; SCHELBAUER DE LIMA, Vanessa Luciane; FRAGOSO, Marília Silva. Segurança alimentar e valorização do protagonismo feminino na agricultura familiar. *Caminho Aberto: revista de extensão do IFSC*, [S. l.], n. 9, 2021. DOI: 10.35700/ca201809%p2457. Disponível em: <https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/caminhoaberto/article/view/2457>. Acesso em: 16 maio 2025.

SILIPRANDI, Emma. *Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas*. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2015.

SILVA, Gessica Marques; ROCHA, Nídia Conceição; SOUZA, Bruna Karla Monteiro; AMARAL, Mayara Pereira Costa; CUNHA, Naiara Santos Rodrigues; MORAES, Laís Vieira da Silva; GEMAQUE, Elza Maria; DUTRA, Camila Dias Teixeira; MOURA, Jéssica Soares; MENDES, Paloma Monteiro. O potencial das plantas alimentícias não convencionais (PANC): uma revisão de literatura. *Brazilian Journal of Development*, v. 8, n. 2, p. 14838–14853, 2022. DOI: 10.34117/bjdv8n2-416.

SILVA, Raphaela Dias da Rocha; PAULINO, Amanda dos Santos; FEITOZA, Marilua de Carvalho; SOUZA, Angélica Oliveira de; NASCIMENTO, Ana Paula Branco do.

Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC): alternativa para hortas urbanas e metas da Agenda 2030. Scientific Journal ANAP, [S. l.], v. 1, n. 4, jul. 2023. Disponível em: <https://publicacoes.amigosdanatureza.org.br/index.php/anap/article/view/4056>. Acesso em: 17 jun. 2025.

SOUSA, Priscila; MOREIRA, Carolina; RODRIGUES, Paula; MURARO, Ana Paula; FERREIRA, Marina; GORGULHO, Beatriz. Food (in) security and nutritional dietary quality in Brazil. *Revista de Nutrição*, v. 37, p. e220091, 2024.

SOARES, Luana de Padua; FIGUEIREDO, Edivânia Maria Gourete Duarte; CARDOSO, Irene Maria. Plantas Alimentícias Não Convencionais em comunidade tradicional da Mata Atlântica. *Cadernos de Agroecologia*, v. 15, n. 2, 2020. Disponível em: <https://cadernos.aba-agroecologia.org.br/cadernos/article/view/6196>. Acesso em: 17 jun. 2025.

STROPARO, Tamires Rafaela; SOUZA, Sônia Teresinha. Plantas alimentícias não convencionais (PANC): renda, soberania alimentar e sustentabilidade. *Cadernos de Agroecologia*, v. 17, n. 3, 2022.

TABARELLI, Marcelo; SANTOS, Amanda Maria Marques. Uma breve descrição sobre a história natural dos brejos nordestinos. In: PÔRTO, Kátia Cristina; CABRAL, José Joaquim Pereira; TABARELLI, Marcelo (Org.). *Brejos de altitude em Pernambuco e Paraíba – história natural, ecologia e conservação*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente (Série Biodiversidade, 9), 2004. p. 17-24.

TAVARES, Bárbara Cristina; MINUZZO, Débora; SANTOS, Ana Beatriz Pereira. Protagonismo feminino e divisão sexual do trabalho no ambiente rural: articulação do grupo de mulheres produtoras de café da comunidade Fazenda Alegria, Caparaó – ES. *Raízes: Revista de Ciências Sociais e Econômicas*, v. 41, n. 2, p. 150–164, 2021.

TAKEITI, Cybelle Yukari; ANTONIO, Gisele Cristina; MOTTA, Eliane Maria Paula; COLLARES-QUEIROZ, Fernanda Paes; PARK, Kwan Jan. Nutritive evaluation of a non-conventional leafy vegetable (*Pereskia aculeata* Miller). *International Journal of Food Sciences and Nutrition*, v. 60, supl. 1, p. 148–160, 2009. DOI: 10.1080/09637480802310849.

TULER, Amanda Cristina; PEIXOTO, Alexandre Louzada; SILVA, Naiara Cristina Barbosa da. Plantas alimentícias não convencionais (PANC) na comunidade rural de São José da Figueira, Durandé, Minas Gerais, Brasil. *Rodriguésia*, v. 70, p. e01142018, 2019.

VALENTE, Flávio Luiz Schieck. Rumo à realização plena do direito humano à alimentação e à nutrição adequadas. Tradução para o português: FIAN Brasil, 2016. Disponível em

m:<https://fianbrasil.org.br/rumo-realizacao-plena-do-direito-humano-alimentacao-e-nutricao-adequadas-flavio-valente/>. Acesso em: 30 abr. 2025.

VASCONCELOS, Francisco; MACHADO, Márcia; MEDEIROS, Maria; NEVES, José; RECINE, Elisabetta; PASQUIM, Elisângela. Public policies of food and nutrition in Brazil: From Lula to Temer. *Revista de Nutrição*, v. 32, p. e180161, 2019.

VELOSO, Herculeo Paiva; RANGEL FILHO, Alvaro Luiz Ramos; LIMA, João Carlos Araújo. Classificação da vegetação brasileira, adaptada a um sistema universal. Rio de Janeiro: IBGE, Departamento de Recursos Naturais e Estudos Ambientais, 1991.

VERSCHAEVE, Luc; VAN STADEN, Johannes. Mutagenic and antimutagenic properties of extracts from South African traditional medicinal plants. *Journal of Ethnopharmacology*, v. 119, n. 3, p. 575–587, 28 out. 2008. DOI: 10.1016/j.jep.2008.06.007.

VIANA-NETO, Alcyr Alves; SOUSA, Gleice Alves de; OLIMPIO, Larissa Ribeiro; OLIVEIRA, Jordana Jani da Silva; CAPISTRANO, Gradisca de Oliveira Werneck de; DUARTE, Edson Ferreira; SEVERINO, Vanessa Gisele Pasqualotto. *Plantas alimentícias não convencionais (PANC) em Goiás* [livro eletrônico]. Goiânia, GO: Ed. dos Autores, 2023. 50 p. ISBN 978-65-00-86276-8.